

Vídeo-ativismo e conexões em rede nos protestos brasileiros de 2013.¹

Gisleine Durigan (Brasil),² Denis Renó (Brasil).³

Resumo.

As tecnologias digitais associadas à mobilidade e à web 2.0 transformaram as relações sociais em diversas esferas. A difusão da informação, que antes era monopólio dos tradicionais meios de comunicação, agora é compartilhada com os cidadãos conectados de forma global. Neste contexto, surgem os movimentos sociais em rede, propulsionados pelas articulações nos espaços da internet, e o vídeo-ativismo, existente desde os primórdios do cinema, é potencializado. No Brasil, os protestos que ocorreram em junho de 2013 exemplificam este momento histórico. Este artigo apresenta um estudo de caso de caráter descritivo que resulta na discussão acerca do papel do vídeo-ativismo nos protestos brasileiros com o propósito de contribuir para a compreensão deste processo de transformação social.

Palavras-chave.

Ecologia dos meios, vídeo-ativismo, movimentos sociais, comunicação, cidadania.

Introdução.

Nos últimos anos, especialmente na última década, a intensificação do uso das redes sociais digitais e a popularização de dispositivos móveis, especialmente *smartphones* e *tablets*, transformaram paradigmas no campo da Comunicação. O novo ecossistema midiático, que está sendo reconfigurado, traz em sua essência a mobilidade, a interatividade e a participação ativa dos cidadãos, que antes eram fundamentalmente receptores da informação e agora produzem e compartilham seus conteúdos em uma rede global.

Com isso, surgiram mudanças significativas na vida política, social e econômica de muitos países. Os indivíduos ganharam mais liberdade para se conectar entre si e encontrar meios de lutar por suas reivindicações. Movimentos sociais começaram a eclodir em várias partes do mundo, ampliados pelas tecnologias digitais e a conexão em rede. O registro em tempo real das manifestações populares e o seu compartilhamento em plataformas como o YouTube proporcionaram expressiva visibilidade aos movimentos que, em diversos casos, nasceram tímidos, mas acabaram reunindo multidões nas ruas durante importantes acontecimentos, como a Primavera Árabe (Oriente Médio), o Movimento 22M (Espanha), o Occupy Wall Street (EUA), entre outros.

No Brasil, esse cenário não foi diferente. Em junho de 2013, milhares de pessoas foram às ruas em aproximadamente 350 cidades, causando perplexidade nos representantes políticos e um grande impacto em todo o país, além de uma repercussão mundial. Os protestos, que tiveram início devido ao reajuste na tarifa do transporte público em duas das principais capitais do país (São Paulo e Rio de Janeiro), logo cresceram e se disseminaram por todo país, propulsionados pelas conexões em rede e pela divulgação das imagens dos movimentos por meio de vídeos populares, que se espalharam nas redes sociais, com a prática do vídeo-ativismo.

Como explica Castells (2013), ao longo da história, os movimentos sociais são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições da sociedade se transformaram a fim de representar esses valores, criando novas normas para organizar a vida social. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. Ainda, segundo o autor, “as redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida” (CASTELLS, 2013, p.18).

Neste contexto, o presente artigo tem o propósito de discutir o papel do vídeo-ativismo em suas conexões em rede como elemento propulsor das manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013. A partir do conceito de movimentos sociais em rede (Castells, 2013), o artigo apresenta também uma reflexão sobre as características dos protestos brasileiros em relação a este padrão emergente. A realização do estudo de caso, de caráter descritivo, objetiva contribuir para a compreensão deste momento peculiar em que vivemos, no qual as redes digitais e a mobilidade transformam as relações sociais em todas as esferas.

O vídeo-ativismo: definições.

Impulsionado pelas novas tecnologias móveis e digitais e pelas mídias sociais, o vídeo-ativismo teve um papel fundamental na mobilização dos cidadãos em importantes movimentos sociais ocorridos nos últimos anos, como no Brasil, em junho de 2013. No entanto, esta prática audiovisual está presente desde o início da história do cinema, como aponta Mateos e Rajas (2014).

Segundo os autores, o vídeo-ativismo sempre esteve muito vinculado às condições e meios de produção cinematográficos gerando, ao longo do tempo, diferentes poéticas de representação audiovisual. Desde o surgimento dos formatos fílmicos de 16 mm (1923), passando pelo aparecimento da televisão, até os dias atuais, com a convergência da internet, é possível perceber a presença de práticas comunicativas vídeo-ativistas.

Para além das diferenças de formatos ou estéticas, o termo vídeo-ativismo reúne certas características comuns.

Com o termo vídeo-ativismo identificamos algumas práticas sociais de caráter comunicativo que são utilizadas como recursos de intervenção política por atores alheios às estruturas de poder dominantes (sujeitos de contrapoder). Esta intervenção vídeo-ativista se ativa por uma motivação e contém uma finalidade política transformadora que pode orientar-se a diferentes fins táticos, principalmente: contra-informar, formar, convocar à ação, articular a participação e construir a identidade coletiva. (MATEOS e RAJAS, 2014, p.15,16, tradução nossa).

Para Garcia (2014), o conceito de vídeo-ativismo também se caracteriza fundamentalmente por ser uma prática de reivindicação política. Segundo a autora, essa prática nunca é exercida de maneira isolada, mas sempre acompanha greves e manifestações e serve, entre outras finalidades, como uma chamada para a ação. “É a manifestação de que os recursos audiovisuais, em algumas ocasiões, colocam-se a serviço dos Movimentos Sociais e servem como alto-falante de suas denúncias e reivindicações.” (GARCIA, 2014, p.135, tradução nossa).

A definição acima pode ser exemplificada pelos vídeos gravados pelo grupo Mídia NINJA e sua repercussão durante os protestos ocorridos em junho de 2013, no Brasil. A divulgação dos vídeos nas mídias sociais amplificou a voz do grupo que saiu às ruas do país, tornando o movimento mais conhecido e levando cada vez mais pessoas a aderirem aos protestos.

Os registros também foram utilizados por algumas emissoras de televisão nacionais e internacionais, mas sua grande circulação ocorreu nas mídias sociais, especialmente, pelo

YouTube. Segundo Renó (2007), o surgimento do YouTube representou o nascimento de um espaço alternativo para o audiovisual, de caráter massivo e democrático, uma vez que qualquer usuário, com acesso à internet, tem a possibilidade de se cadastrar e disponibilizar vídeos para exibição gratuita.

Para o autor, o site tem um importante papel na interlocução entre os marginalizados e a elite, tendo o primeiro como efetivo emissor. “Através do YouTube, os grupos sociais passaram a difundir suas ideias, crenças e costumes.” (RENÓ, 2007, p. 06).

Além do YouTube, outros elementos surgidos nos últimos anos, como os dispositivos móveis e digitais modificaram os paradigmas das práticas vídeo-ativistas. Como argumenta Garcia (2014), com o desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e da informação, tem havido uma expansão massiva do vídeo-ativismo, já que qualquer pessoa, sem requerer conhecimentos especializados, tem a possibilidade de se transformar em um agente comunicador capaz de captar seu ponto de vista e difundi-lo, se assim quiser, em tempo real; algo que rompe com o tradicional processo de produção e pós-produção mediado pelos grandes grupos midiáticos.

Em uma sociedade digital, a câmera, um telefone móvel ou qualquer outro objeto capaz de registrar áudio e vídeo de forma imediata operam como ferramentas políticas; armas que cabem em nossos bolsos e que são capazes de captar a realidade de olhos que até há pouco tempo permaneciam à margem do sistema tradicional de comunicação. Graças à prática vídeo-ativista, adquirem voz grupos que têm sido invisibilizados e excluídos do discurso público dominante que controla as corporações midiáticas. (GARCIA, 2014, p. 136,137, tradução nossa).

Bardají (2014) também aponta que a produção vídeo-ativista atual está estreitamente vinculada às novas tecnologias, aproveitando as possibilidades que estas oferecem tanto à produção - uso de dispositivos móveis, câmeras de alta qualidade, *softwares* de edição de uso simplificado - como à difusão dos vídeos produzidos, espalhando a mensagem pelos canais da internet. Para o autor, a democratização da informação, propiciada pela internet, beneficia aos movimentos sociais que agora são produtores e transmissores da informação

que querem fazer chegar aos cidadãos. O trabalho dos vídeo-ativistas se coloca, assim, em um novo espaço de confronto cultural, político e informativo, no qual os atores e as lutas se mantêm, mas as práticas, as ferramentas e as estratégias têm se transformado.

Na mesma linha conceitual, Renó (2015b) propõe que os dispositivos móveis oferecem novas possibilidades à construção da cidadania. Para tanto, grupos cidadãos politicamente engajados se organizam e produzem conteúdos informativos que consolidam os processos de conscientização coletiva.

Neste contexto, os vídeos produzidos pelo grupo Mídia NINJA, assim como diversos outros com conteúdos ativistas, primam pelo registro dos acontecimentos da forma mais natural possível, com a espontaneidade ao conduzir a câmera e pouca ou nenhuma preocupação estética, já que o compromisso ao se produzir o conteúdo é com a mensagem, e não o visual. Como aponta Zarzuelo (2012), esta forma de produção é denominada ‘vídeo-ativismo 2.0’ e surgiu no final do século XX com obras audiovisuais que têm um claro objetivo político, de denúncia, caracterizando-se pela urgência na produção e divulgação dos materiais, com uma gravação mais rápida e centrada em registrar tudo o que está acontecendo diante da câmera, sem cortes e edições. O termo 2.0 é usado porque tais obras se encontram dentro da filosofia da web 2.0, como produções de conteúdo sem intermediários nos processos.

A cidadania na sociedade digital.

O desenvolvimento da cidadania é construída a partir de um novo cenário composto por cidadãos proprietários de certo domínio de linguagem digital, especialmente no que diz respeito ao manuseio de dispositivos móveis conectados à internet. Para tanto, esses grupos se organizam e produzem conteúdos de interesse coletivo, registrando as inquietudes sociais. Segundo Renó (2015a, p.57, tradução nossa):

O que chama a atenção em tudo isso é a possibilidade de organização e circulação nos meios sociais dos conteúdos produzidos pelo grupo, especialmente em tempo real. Para isso, as células jornalísticas, como são denominados por alguns deles, adotam uma tecnologia simples e econômica: um smartphone com conexão à internet e conectado a um computador portátil guardado em uma mochila. O computador serve para garantir melhor capacidade de bateria no smartphone (que trabalha horas sem carregar). Por outro lado, o smartphone serve para registrar fotos (que são publicadas em tempo real) e vídeos, transmitidos em tempo real por aplicações grátis, como o Ustream.

Esse método, adotado pelo Mídia NINJA, representa a capacidade de adaptação às limitações tecnológicas pelos grupos populares. Trata-se de uma micro unidade móvel que pode transmitir conteúdo em tempo real registrado de maneira discreta, não invasiva.

O Movimento Passe Livre (*Free Pass*).

O mês de junho de 2013 ficou marcado no Brasil por uma série de protestos que tomaram às ruas de diversas cidades em todo país. Inicialmente formadas como um ato de repúdio contra o aumento na tarifa do transporte público em São Paulo e Rio de Janeiro, as mobilizações cresceram e ganharam força, alcançando repercussão internacional.

Após o anúncio do reajuste nas passagens de ônibus, trem e metrô na cidade de São Paulo, de R\$ 3,00 para R\$3,20, o Movimento Passe Livre (MPL) passou a convocar, pelas redes sociais, manifestações contra o aumento, o que culminou em um primeiro protesto, no dia 06 de junho, nas principais ruas e avenidas da cidade de São Paulo. No dia seguinte, 07, houve novas mobilizações, com maior número de pessoas nas ruas da capital paulista, assim como no dia 11 de junho, no terceiro dia de protesto. Neste primeiro momento, a repercussão das manifestações acontecia prioritariamente por meio das mídias sociais, sem destaques na chamada grande mídia.

No entanto, a partir do dia 13 de junho, os protestos passaram a se espalhar mais rapidamente por outras cidades e a intensa repressão policial contra os protestos realizados na cidade de São Paulo nessa data, ferindo inclusive jornalistas, causou repercussão na imprensa nacional e internacional. Em 17 de junho, o quinto protesto na capital paulista reuniu milhares de pessoas que, agora, ampliaram a lista de reivindicações além da questão do aumento da tarifa do transporte público. Os manifestantes protestavam contra a corrupção, os gastos públicos com a Copa do Mundo, as condições na saúde e na educação, a violência policial, entre outras bandeiras. Foram registrados protestos também no Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, Vitória, Curitiba, Salvador, Maceió, Fortaleza, Belém, entre outras cidades.

A sexta manifestação em São Paulo, no dia 18, foi considerada uma das mais violentas desde o início dos protestos. Cerca de 50.000 pessoas reuniram-se na Praça da Sé, ponto central da capital paulista e partiram em direção à sede da Prefeitura. Uma parte do protesto seguiu pacífico, porém vândalos quebraram janelas e vidraças da Prefeitura, além de saquear lojas e depredar ônibus e prédios públicos. Um carro da TV Record e uma guarita da Polícia Militar também foram queimados.

Após os seis protestos na capital paulista e manifestações espalhadas em todo país, no dia 19, o governador do estado de São Paulo e o prefeito desta capital, em pronunciamento conjunto, anunciaram a revogação do aumento das passagens do transporte público, que estava em vigor desde o dia 02 de junho. O valor que havia passado para R\$ 3,20, voltava a R\$3,00. No entanto, ambos enfatizaram que a redução causaria impacto nos investimentos. Além de São Paulo, diversas cidades também conseguiram a reversão do aumento nos valores do transporte público.

O dia seguinte ao pronunciamento, 20 de junho, é marcado como o dia de maior mobilização, com mais de um milhão de pessoas em ruas de todo o país. Os protestos ocorreram em mais de 350 cidades, incluindo 22 capitais brasileiras. Mesmo com a redução

na tarifa do transporte público, motivo inicial das mobilizações, centenas de milhares de pessoas saíram às ruas pelas mais diversas causas, principalmente pelo fim da corrupção e para demonstrarem uma insatisfação generalizada contra os governantes.

Segundo o Movimento Passe Livre, o objetivo das manifestações do dia 20 era também a comemoração da vitória dos manifestantes pela revogação do aumento nas tarifas. No entanto, o protesto também ficou marcado por diversos conflitos entre manifestantes que afirmavam ser “apartidários” e militantes de partidos políticos. Muitas bandeiras de partidos foram tomadas e queimadas. No dia seguinte, militantes da MPL anunciaram a saída dos protestos.

O Movimento Passe Livre (MPL), de acordo com o seu site oficial, é um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. Criado em 2005, no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS), o MPL está presente em diversas cidades brasileiras e luta pela democratização efetiva do acesso ao espaço urbano e seus serviços a partir da ‘Tarifa Zero’.

O movimento e as redes sociais.

Como aponta Gonçalves, Renó e Miguel (2013), o Brasil presenciou protestos urbanos até então inéditos, pela forma como foram organizados: por meio das redes digitais, sem líderes definidos, produzindo uma narrativa transmidiática com repercussão mundial. Milhões de pessoas pautavam os protestos no Brasil pela internet, gerando intenso debate político e acadêmico nas redes.

Os autores afirmam que neste novo cenário os processos participativos se afloraram, os cidadãos produzem seus conteúdos a partir de seus próprios dispositivos e publica os

mesmos em seus espaços midiáticos conectados em rede. Dessa forma, a circulação de informação torna-se independente dos tradicionais meios de comunicação e a interatividade social é favorecida.

A partir dessa nova conjuntura comunicacional, as mobilizações no Brasil cresceram, fortaleceram-se e se espalharam por todo país. O site de relacionamento Facebook contribuiu de forma essencial para a disseminação dos movimentos populares. Foi pela rede social que as notícias dos protestos – sejam dos veículos de comunicação ou produzidas pelos próprios internautas – foram transmitidas e compartilhadas em tempo real por milhares de pessoas, com uma velocidade viral. A página do Movimento Contra a Corrupção (MCC) no Facebook, por exemplo, tem hoje mais de um 1,400 milhões de seguidores.

Os vídeos que fizeram o registro dos protestos e foram compartilhados pelas redes sociais também foram fundamentais nas mobilizações. Nessa perspectiva, ganhou destaque o grupo Mídia NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – uma rede de comunicadores formada em março de 2013, derivada do coletivo político-cultural Fora do Eixo, existente desde 2006.

Durante os protestos brasileiros de junho, a Mídia NINJA se concentrou na cobertura e transmissão ao vivo das manifestações, ganhando popularidade tanto nas mídias sociais, como também na grande Imprensa. O grupo realizava transmissões ao vivo pela internet através de *smartphones*, transmitindo os protestos em tempo real. Com práticas vídeo-ativistas, não havia preocupação estética, mas somente com o registro factual. Um repórter do grupo chegou a transmitir ao vivo a própria prisão durante os protestos.

Como a Mídia NINJA estava inserida nas manifestações, era possível captar imagens de uma forma instantânea que, muitas vezes, a imprensa tradicional não teve acesso. Com isso, grandes emissoras de televisão, como a Rede Globo, chegaram a transmitir imagens

gravadas pelo grupo. A atuação do coletivo ganhou notoriedade não só no país, como também chamou a atenção internacional de renomados veículos como “Wall Street Journal” e o site do Nieman Journalism Lab, da Universidade Harvard.

Conclusões.

A partir do desenvolvimento deste artigo foi possível identificar que o vídeo-ativismo e suas conexões em rede foram essenciais para a disseminação dos protestos brasileiros ocorridos em junho de 2013.

Como afirma Castells (2013), os movimentos sociais em rede são amplamente fundamentados na internet, que é uma plataforma privilegiada para a construção social da autonomia. Tais movimentos, assim como os demais da história, trazem a marca de sua sociedade. No caso dos atuais, são largamente constituídos por indivíduos que convivem confortavelmente com as tecnologias digitais no mundo híbrido da realidade virtual.

Com as novas tecnologias e os dispositivos móveis, o vídeo-ativismo ganhou condições favoráveis para se fortalecer e expandir entre os cidadãos. A informação não é mais monopólio dos grandes meios de comunicação, uma vez que as redes sociais digitais são amplos canais de compartilhamento e circulação de notícias e opiniões.

As manifestações no Brasil refletem este novo panorama midiático, cultural, social e político, no qual a população ganha mais liberdade de comunicação e autonomia para o exercício da real cidadania. Entretanto, a movimentação midiática vivida no país está em constante ajuste, da mesma maneira que a evolução tecnológica compartilhada neste cenário.

Referências.

BARDAJÍ, Luis Lanchares. *Rodea el Congreso : la confrontación simbólica através del audiovisual*. In Bustos, Gabriela et al. ***Videoactivismo - acción política, cámara en mano***. Tenerife: Cuadernos Latina, 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GARCIA, Paloma de la Fuente. *Videoactivismo de convocatoria: el lenguaje publicitario en las Mareas Ciudadanas*. In Bustos, Gabriela et al. ***Videoactivismo - acción política, cámara en mano***. Tenerife: Cuadernos Latina, 2014.

GONÇALVES, Elizabeth; RENÓ, Denis; MIGUEL, Katarini. Narrativa transmídia, ativismo e os múltiplos discursos dos protestos brasileiros de 2013. **Revista Chasqui**, n.123, p. 55-63, setembro 2013.

MATEOS, Concha e RAJAS, Mario. *Videoactivismo: concepto y rasgos*. In Bustos, Gabriela et al. ***Videoactivismo - acción política, cámara en mano***. Tenerife: Cuadernos Latina, 2014.

RENÓ, Denis. *Movilidad y producción audiovisual: cambios en la nueva ecología mediática*. In SCOLARI, Carlos. **Ecología de los medios**. Barcelona, Gedisa, 2015 a.

RENÓ, Denis. *Folkcomunicación ciudadana a partir de la web 2.0 y de la movilidad*. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo**, 01, pp 51-59., 2015b. Disponível em <http://www.usc.es/revistas/index.php/ricd/article/view/2140/2456>. Acesso em 10 de maio de 2015.

RENÓ, Denis. *YouTube, el mediador de la cultura popular en el ciberespacio*. **Revista Latina de Comunicación Social**, 62, 2007. Disponível em: http://www.ull.es/publicaciones/latina/200717Denis_Reno.htm. Acesso em 05 de março de 2015.

ZARZUELO, Marta Galán. (2012). *Cine militante y videoactivismo: los discursos audiovisuales de los movimientos sociales*. **Revista Comunicación**, v.1, n. 10, pp.1091-1102, 2012.

1 Este trabalho integra a pesquisa referente ao processo no. 446535/2014-1, financiado pelo CNPq.

2 Jornalista, é mestranda no Programa de Televisão Digital na Universidade Estadual Paulista – UNESP (Brasil), onde desenvolve sobre video-ativismo e nova ecologia dos meios. E-mail: gidurigan@hotmail.com

3 Jornalista, é mestre e doutor no Programa de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Brasil). É professor do Programa de Graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Televisão Digital da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Brasil), além de professor visitante na Universidade Complutense de Madrid e Universidade de Santiago de Compostela (Espanha). E-mail: denis.reno@faac.unesp.br.

R
y
P